

Qual é o assunto?

A editora Escala lançou em 2001 a revista *Qual é o assunto?* O primeiro número da publicação tem como tema a vida no Oriente Médio. É uma revista que tem como característica marcante o fato de estar preocupada em tratar de um determinado tema: o assunto. Pode-se notar, pelo sumário, que há o objetivo de fornecer sentido a determinadas noções que passaram a ser veiculadas pela agenda midiática, na atualidade.

Pode-se dizer que é um instrumento que se ocupa, mais pesadamente, em fornecer subsídios sobre *o que é*. Assim, a primeira matéria é dedicada à noção de terrorismo, a segunda trata do conflito Israel e Palestina, já a terceira responde sobre o termo fundamentalismo, a nona refere-se ao alcorão, a décima ao Afeganistão... Desse modo, a revista lembra um dicionário. É como se a sua concepção fosse fundada na certeza de que existe um déficit cognitivo exposto, a gerar desconforto. Desse modo, a revista viria ao encontro desse mal estar, corrigindo uma falta.

Com essa proposta, a forma com que a revista cria o seu agendamento é diferente dos modelos habituais, especialmente no que se refere ao parâmetro temporal. A conjuntura atual, comum ao discurso jornalístico, é menosprezada em favor de explicações históricas mais remotas:

“Ao contrário do que possa parecer, o termo terrorismo não é uma prática antiga. (...).

Foi após a revolução francesa (1789) que surgiu o termo. Esta expressão foi utilizada para descrever os atos de atrocidade, de extrema violência cometidos pelos líderes da revolução, contra quem se opunha a ela.”

E o que foi a Revolução Francesa? E o que foi a Revolução Bolchevique? Na publicação há espaço para responder, muito sucintamente a essas perguntas.

É um único número, é verdade, não é suficiente para que se faça grandes afirmações. Mesmo assim, é interessante notar um desvio de padrão no que se refere à apropriação da categoria tempo para a construção do discurso jornalístico.

Quem sabe não valesse a pena introduzir, ao menos de vez em quando, um passado um pouco mais distante para a enunciação de fatos violentos? Quem sabe os “velhos tempos” nos ajudassem a reconhecer que não é natural o emprego de grades, alarmes? Ajudassem a recordar das caminhadas noturnas pelas ruas da cidade? Certamente, a cidade ainda tem memórias dos tempos em que o tráfico era uma “coisa do outro mundo”.

Contra essa sugestão, certamente, haverá uma série de ponderações. Um dos argumentos possíveis diz respeito ao fato de que o exemplo tomado não pode funcionar como padrão para os outros veículos de comunicação. A isto pode-se adicionar mais elementos: a publicação contém estereótipos perigosos, capazes de colaborar para a alimentação de valores ocidentais contra os orientais, por exemplo. Entretanto, a sugestão não deve ser entendida como um elogio a todos os aspectos da revista. O que está sendo proposto é que o jornalismo flexibilize a barreira temporal, permitindo que alguns “passados” façam soar estranhos “alguns presentes”.